



CIA PIERROT LUNAR ESTREIA ESPETÁCULO TEATRAL “EU QUERO SER UMA LOCOMOTIVA” NO CCBB BH

Com direção de Lydia Del Picchia, espetáculo fala sobre a relação com o tempo, investigando as memórias e as escolhas de uma geração que viveu a transição do mundo analógico para a era dos algoritmos.

A **Cia Pierrot Lunar** estreia seu mais novo espetáculo teatral “**Eu Quero ser Uma Locomotiva**” no dia **3 de julho**, sexta-feira, no **CCBB BH**. Sob a direção de **Lydia Del Picchia** e dramaturgia coletiva, a peça fala sobre a relação com o tempo, o desejo e a capacidade humana de se reinventar após os 50 anos, investigando as memórias e as escolhas de uma geração que viveu a transição do mundo analógico para a era dos algoritmos. A temporada segue até o **dia 27 de julho** no **Teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil Belo Horizonte**, de sexta a segunda-feira, sempre às 20h. A classificação indicativa é 12 anos. Nos dias 11 e 25 de julho, sábado, as sessões contam com tradução em Libras e, nos dias 6 e 24 de julho, haverá bate-papo gratuito após o espetáculo.

Os ingressos custam R\$30 (inteira) e R\$15 (meia-entrada), com desconto de 50% para clientes do Banco do Brasil que realizam o pagamento com Cartões BB. Eles estarão à venda na bilheteria do CCBB BH e pelo site ccbb.com.br/bh. Mais informações no site ccbb.com.br/bh, nas redes sociais [instagram.com/ccbbbh](https://www.instagram.com/ccbbbh) e [facebook.com/ccbbbh](https://www.facebook.com/ccbbbh), ou pelo telefone (31) 3431-9400.

Com direção de **Lydia Del Picchia (Grupo Galpão)**, que contribui pela primeira vez com o grupo, a trama acompanha dois algoritmos pré-históricos do futuro que estão envelhecendo em uma cápsula à deriva – um mausoléu digital orbitando os escombros da memória. No palco, o público encontrará uma verdadeira arqueologia visual e sonora, onde som e imagem andam de mãos dadas para refletir sobre a passagem do tempo.

Segundo a atriz e uma das fundadoras da Pierrot, Neise Neves, a montagem lança um olhar sensível e provocador sobre a capacidade humana de restauração e reinvenção, jogando luz sobre os **dilemas da geração 50+** que viveu a transição para a era dos algoritmos.

"Nós percorremos uma trajetória que vai de um tempo ao outro com profundas mudanças no percurso. Passamos pelo carro sem cinto de segurança, pela fita

cassete, e de repente tivemos que aprender a deixar fotos na nuvem. O espetáculo busca entender o que será o percurso a partir de agora", explica Neise. "Mais do que falar diretamente de envelhecimento, queremos falar do percurso a partir de agora. As personagens tentam burlar o tempo, achando uma maneira de deixar algo que comprove que estiveram ali".

A escolha do tema nasceu quando os atores completaram 50 anos e sentiram o desejo de falar de seus contemporâneos. Outra inspiração foi a canção "Quero Ser Locomotiva", do cantor e compositor Jorge Mautner, que em sua letra toca em temas como transformação e liberdade.

"Queríamos falar da nossa geração. Nós, com um pouco mais ou um pouco menos de 50 anos de vida, passamos por essa transformação. O espetáculo busca trazer tudo isso não como uma coleção nostálgica do passado em detrimento do presente, mas sim em busca do que será o amanhã. Fomos nos inspirando em pessoas que admiramos, em situações vividas por nós e por indivíduos próximos, mas também de olho no contexto político, histórico, tecnológico e social que atravessa essa geração 50+", comenta o ator Léo Quintão. Ele acrescenta que os dilemas das personagens estão em profunda conexão com as vivências dos próprios artistas, refletindo conflitos humanos com os quais o público facilmente irá se identificar.

"O conflito, mais do que estar entre as duas personagens – aqueles cinquentões – está para com eles mesmos e sobre o que foram, o que imaginaram ser e o que realmente se tornaram, para entenderem como serão daqui para frente. Em algum momento da história, as personagens tentam lembrar qual o momento em que tudo começou a degenerar no mundo e percebem, a cada dia, que continuamos nos degenerando, porque não aprendemos com a memória, com a história. Uma delas diz: 'Tem coisa que a gente não gosta de lembrar, mas não pode esquecer'", explica Neise Neves.

Para a diretora Lydia Del Picchia, o teatro serve como plataforma ideal para humanizar essa discussão: "o teatro é o lugar da imaginação, da criação de mundos, e exige de nós uma observação aguda do outro e de nós mesmos, uma espécie de empatia compulsória", afirma. No entanto, segundo ela, a obra passa longe de ser uma distopia pessimista. "Nossa locomotiva está numa encruzilhada onde é possível olhar para trás sem nostalgia, e para frente com a perspectiva de quem é dono dos próprios desejos. Não é uma peça sobre idade, é sobre viver", afirma.

Direção

O ator Léo Quintão afirma que é inerente ao trabalho da Pierrot Lunar, a cada montagem, convidar um novo nome para a direção, como forma de estarem em constante aprendizado. Para Neise, o desejo por um olhar feminino, além de alguém que tivesse vivenciado a geração que queriam retratar, era uma premissa. Somou-se

a isso a admiração pela trajetória de Lydia como atriz no Grupo Galpão e em outros trabalhos como diretora.

Segundo Lydia, apesar de ser a primeira vez que trabalha com a companhia, é como se fossem velhos parceiros: “por várias afinidades descobertas, e pela cumplicidade rapidamente desenvolvida já nos primeiros encontros, que foram de muita conversa, abertura de possibilidades, impressões e intuições, até entender por onde começar. Claro que todo novo trabalho é um desafio. A proposta de se criar uma peça a partir de um verso de uma música, me pareceu bastante instigante. É uma alegria trabalhar com essa equipe Lunar: uma junção de artistas incansáveis, dedicados, disponíveis, uma verdadeira locomotiva a todo vapor”.

A respeito do processo de direção da peça teatral e os desafios para transformar conceitos tão abstratos, como algoritmos e tempo, em encenação, Lydia comenta que: “Inicialmente falamos muito dessa (nossa) geração que assistiu a muitas transformações – sociais, tecnológicas, políticas, artísticas – que viu nascer o celular, mas viveu muito intensamente na ausência de redes sociais, e que riqueza foi isso. Mas não há julgamento sobre o que é melhor ou pior, e sim uma perplexidade na observação da velocidade do que ainda se transforma, do quanto ainda há para ser feito. Essa peça foi – e ainda está sendo escrita – como uma carta, um registro, um documento, um testemunho do que vivemos, e de que vivemos, a partir de um determinado ponto de vista: a nossa observação sobre o mundo e sobre o tempo, que corre e nos leva com ele.”

Dramaturgia

O texto, construído coletivamente a várias mãos, conta com a assinatura da diretora Lydia Del Picchia e também de Márcia Bechara, jornalista, escritora, tradutora e atriz, Jô Hallack, escritora e roteirista carioca, Arthur Barbosa, ator e dramaturgo mineiro e de Ana Regis, diretora e atriz também mineira.

O encontro entre dramaturgos de diferentes gerações, potencializou o processo criativo do espetáculo e as diferentes ideias sobre tempo e futuro, formando uma “locomotiva” mais plural.

O espetáculo traz uma novidade no palco: a entrada de uma terceira personagem, que chega para avisar que o tempo está acabando. Essa presença, que funciona como elemento surpresa, faz com que os protagonistas reflitam sobre o passado e entendam que o envelhecimento também pode ser uma forma de libertação. Essa terceira figura funciona como uma testemunha do lado de fora e será vivida por um artista convidado diferente a cada semana da temporada.

Encenação

A cenografia, assinada por Ed Andrade, foi construída a partir de um minucioso garimpo analógico em Belo Horizonte, percorrendo tradicionais lojas do Mercado Novo e do Centro.

"A cenografia do espetáculo constitui um tipo de dramaturgia, na medida em que tem um potencial enorme de provocar afecção, despertar sentimentos, evocar memórias. Os telefones, o mimeógrafo, a máquina de escrever e o orelhão carregam uma espécie de narrativa silenciosa capaz de nos transportar no tempo, corroborando a construção poética da peça", detalha o cenógrafo.

Essas relíquias de um passado recente ganham vida nova através da direção musical e trilha sonora original de Luiz Rocha, parceiro da companhia há quase 20 anos e diretor assistente na montagem. A pesquisa sônica manipula os objetos cênicos em tempo real: telefones antigos viram microfones, e o ruído do mimeógrafo transforma-se em efeito poético, misturando-se a microfones de contato e músicas populares. "A parte sonora tem o tempo como elemento central. Experimentamos formas de manipular sua passagem através de paisagens sonoras concretas e da própria articulação do texto pelo elenco", explica Luiz Rocha.

Sobre a Pierrot Lunar

A Cia Pierrot Lunar foi fundada em 1993, em Belo Horizonte, por alunas e alunos do curso de formação de atores da Fundação Clóvis Salgado. Desde então, em suas diversas formações, já trabalhou autores como Garcia Lorca e Lewis Carroll e Samuel Beckett, além de Edmundo de Novaes Gomes, Branca Maria de Paula, André Sant'Anna, Aníbal Machado e, mais recentemente, Luis Alberto de Abreu e Ana Regis.

A Cia. apresenta em seu currículo 12 espetáculos (dois em repertório), além do "Palco BH, primeiro guia de artes cênicas de Belo Horizonte" (2000/2005), e diversos eventos e iniciativas culturais, vários deles promovidos na sede da Cia., que também é um espaço multicultural, o Espaço Aberto Pierrot Lunar, referência na cidade de Belo Horizonte, desde 2008.

Em 2007, o espetáculo "Atrás dos olhos das meninas sérias" recebeu os prêmios de melhor atriz e melhor ator coadjuvante no Festival Nacional de Teatro de Teresina/PI, apresentou-se no 9º FIT/BH - Festival Internacional de Teatro Palco e Rua de BH, além de ganhar sua versão em longa metragem no cinema em 2020.

Dentre outros trabalhos realizados pela Cia, destacam-se: "Sexo" (2010), "Acontecimento em Vila Feliz" (2011), em formato para rua e ganhador do prêmio de melhor trilha sonora – Prêmio Copasa Sinparc. A Cia. estreou o espetáculo "Um Pouco de Ar, Por Favor", com direção de Chico Pelúcio (Grupo Galpão) e dramaturgia

de Luis Alberto de Abreu, realizando temporada até fevereiro de 2020, quando do início da pandemia da Covid-19. Em 2019, o espetáculo foi vencedor do prêmio de Melhor Trilha Sonora, Prêmio Copasa Sinparc e participou da Viagem Teatral do Sesi SP, pelas cidades de Rio Claro, Franca, Araraquara, Birigui e Marília. Em 2020, em meio à quarentena, a Cia. estreou, a convite do Sesc Paladium, em Belo Horizonte, o espetáculo digital, “Antigamente, é Quando?”, totalmente concebido na casa dos atores e transmitido ao vivo pelo Instagram do Sesc Paladium.

“Eu Quero Ser Uma Locomotiva” conta com o patrocínio do Banco do Brasil e copatrocínio do Hospital Orizonti, por meio da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte.

Ficha Técnica

Direção **Lydia Del Picchia**
Diretor Assistente, Direção Musical e Trilha Sonora **Luiz Rocha**
Assistente de Direção **Ana Regis**
Dramaturgia **Ana Regis, Arthur Barbosa, Jô Hallack, Lydia Del Picchia e Márcia Bechara**
Atuação **Neise Neves e Léo Quintão**
Participação Especial **Arthur Barbosa, Brama Bremmer, Mariana Câmara, Marta Neves, Matheus Carvalho e Jefferson Alda**
Concepção **Cia Pierrot Lunar**
Cenógrafo **Ed Andrade**
Assistente de Cenografia **Morgana Mafra**
Cenotécnico **Artes Cênicas Produções Ltda**
Figurino **Tereza Bruzzi**
Confecção **Paulo Mendes**
Assistente de Figurino **Helena Pelúcio**
Iluminação **Rodrigo Marçal**
Operação de Luz **Kaká Correa**
Operador de Som **Fabiano Lana**
Produção Executiva **Arthur Barbosa e Matheus Carvalho**
Fotografia divulgação **Guto Muniz**
Registro fotográfico ensaio aberto **Tomás Oliveira**
Intérprete de Libras **Carol Mezanto**
Design **QDesign**
Comunicação **Rizoma Comunicação & Arte**
Coordenação de Comunicação **Beatriz França**
Redes Sociais e Tráfego **Leticia Leiva**
Assessoria de Imprensa **Renata Rocha**
Oficina Corpo Acúmulo **Kênia Dias**
Colaboração Cênica **Kaká Correa**
Colaboração e Residência Artística **Marcus Marangon**
Coordenação de Produção **Léo Quintão e Neise Neves**
Realização **Cia Pierrot Lunar**

Serviço

Cia Pierrot Lunar estreia o espetáculo "Eu quero ser uma locomotiva" no palco do CCBB BH

Temporada: 3 a 27 de julho de 2026, sexta a segunda-feira, às 20h

Local: CCBB BH – Teatro I

Classificação indicativa: 12 anos | Duração: 70 minutos

Sessões com intérprete de Libras: 11 (sábado) e 25 de julho (sábado)

Bate-papo após o espetáculo: 06 de julho (segunda) e 24 de julho (sexta)

(Atividade gratuita, não sendo necessário retirar ingressos antecipadamente)

Ingressos para os espetáculos no site ccbb.com.br/bh e na bilheteria do CCBB BH, a R\$30 e R\$15 (meia-entrada), com desconto de 50% para clientes do Banco do Brasil que realizam o pagamento com Cartões BB.

Mais informações: (31) 3431-9400

[instagram.com/ccbbbh](https://www.instagram.com/ccbbbh) | [facebook.com/ccbbbh](https://www.facebook.com/ccbbbh) | E-mail: ccbbbh@bb.com.br

Informações para Imprensa

Assessoria de Imprensa do espetáculo - Rizoma Comunicação & Arte

Renata Rocha – (31) 98803-6295 / renatarocha@rizomacomunica.com.br

Assessoria de Comunicação do Centro Cultural Banco do Brasil Belo Horizonte

Tiago Ferreira - tiagoferreira@bb.com.br | (31) 3431-9400 / 9420